



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Flávia Cristina Cândido de Oliveira

Universidade Estadual Vale do Acaraú

orcid.org/0000-0003-3993-0697

flavia_cristina.2003@yahoo.com.br

Maria Margarete F. de Sousa

Universidade Federal do Ceará

orcid.org/0000-0002-4336-5486

margarete.ufc@gmail.com

“Cálice”: uma análise das marcas linguísticas e intertextuais

RESUMO: Esta pesquisa propõe-se a investigar marcas linguísticas e intertextuais presentes na canção “Cálice” para o estudo do plano de análise de discurso, conforme propõe Adam (2008). Para isso, toma-se a categoria linguística – colocação lexical – proposta por Adam (2008) e, para a interdiscursividade, segue-se as de Maingueneau (1997; 2008) – universo discursivo, campos discursivos e espaço discursivo – que complementam o referido plano da análise de discurso em Adam (2008). Faz-se, inicialmente, um paralelo entre os pontos de vista dos teóricos, contrastando o posicionamento segundo a Linguística Textual do Discurso, conforme Adam, e a Análise do Discurso delineada por Maingueneau. Em seguida, analisa-se em que aspectos essas áreas de estudo se aproximam e se complementam no sentido de se compreender melhor o plano mencionado. Na análise, deteve-se às marcas linguísticas de colocação lexical e às estratégias intertextuais encontradas na letra da canção, demonstrando o modo como essas marcas influenciam na construção da tessitura textual. Verifica-se que essas marcas não só colaboram, mas são importantes para a construção dos sentidos pretendidos pelos compositores, principalmente, pela presença da intertextualidade que perpassa os dois planos – textual e discursivo. Donde se conclui que o gênero apresenta ora discurso religioso ora discurso político-reacionário para compor o tecido textual pretendido.

Palavras-chave: Marcas linguísticas; Intertextuais; Interdiscurso; Gênero canção.



Introdução

A teoria da Análise Textual do Discurso (doravante ATD) traz uma inovação aos estudos linguísticos, mais especificamente àqueles voltados à análise textual, ao aproximar a Linguística Textual (doravante LT) e a Análise do Discurso (doravante AD), principalmente, quando se propõe a analisar dois planos – o textual e o discursivo.

A análise textual, proposta por Adam (2008), possibilita compreender o texto através do plano de esquematização (configuração), da enunciação e do contexto (condições de produção e recepção-interpretação) num campo mais vasto das práticas discursivas. Por essa razão, propomo-nos a identificar nessas abordagens a aproximação da ATD e da AD quanto ao plano de texto, e analisar as marcas linguísticas de colocação lexical e as estratégias intertextuais nos versos da canção "Cálice" de Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil. Verificamos pela análise dessas marcas como esses aspectos são apresentados num texto, principalmente, a intertextualidade, conforme é concebido por Adam (2008) e Maingueneau (1997; 2008).

Para isso, discorreremos sobre a representação discursiva (N6), especificamente, apreendido pela colocação lexical, conforme Adam, categoria de que nos utilizamos na análise do texto-canção. Ainda, tomamos o princípio do Interdiscurso com suas respectivas categorias: universo discursivo, campos discursivos e espaço discursivo e o fenômeno da imitação da heterogeneidade mostrada que se baseia em manifestações explícitas e recuperáveis através de uma diversidade de fontes de enunciação, conforme Maingueneau.

O gênero do discurso será tomado, aqui, conforme parâmetros considerados por Maingueneau (2008), por se constituírem, na proposta de Adam, em aspectos do plano de análise do discurso. A análise das marcas linguísticas e das estratégias intertextuais na canção "Cálice" permite examinarmos o interdiscurso que compõe a canção à luz da ATD e da AD, estabelecendo relações interdiscursivas entre o campo religioso e político-reacionário.

A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA ATD



A proposta metodológica da ATD não deve ser entendida como uma análise textual engessada em si mesma. Segundo Adam (2009, p. 117), "cada texto é, com efeito, uma realidade heterogênea demais para que seja possível circunscrevê-la aos limites de uma definição estrita.". Assim, o que se pretende com a análise textual do discurso é englobar a interação sociodiscursiva (análise de discurso) e a estruturação linguístico-textual (análise textual). Dessa forma, a teoria de Adam aproximou a Linguística Textual e a Análise do Discurso, delineada por Maingueneau, ao considerar o gênero do discurso sob o viés da interdiscursividade. Segundo Maingueneau (2009), o gênero deve ser considerado conforme alguns parâmetros, tais como: 1) o estatuto dos enunciadores e dos coenunciadores; 2) as circunstâncias temporais locais da enunciação; 3) o suporte e o modo de difusão; 4) os temas que podem ser introduzidos; e 5) a extensão e o modo de organização.

Os parâmetros de gênero formulados por Maingueneau (2009) são em maior número, destacamos, aqui, os mais relevantes; os outros serão mencionados nos itens subsequentes deste artigo. Esses parâmetros, podemos constatar, coadunam-se com os critérios de análise propostos por Adam na ATD. Assim como defende Maingueneau, também Adam propõe uma análise em que se articulem de forma indissociável coenunciadores, contexto de produção e os diferentes modos de organização textual, o que exige por parte do enunciador a postulação de um plano de texto coerente e eficiente para a construção dos sentidos dos textos.

A fim de compreendermos quais categorias são utilizadas pela ATD, mais conhecida pelo estudo dos protótipos da sequência textual, vejamos o esquema de Adam (2008):

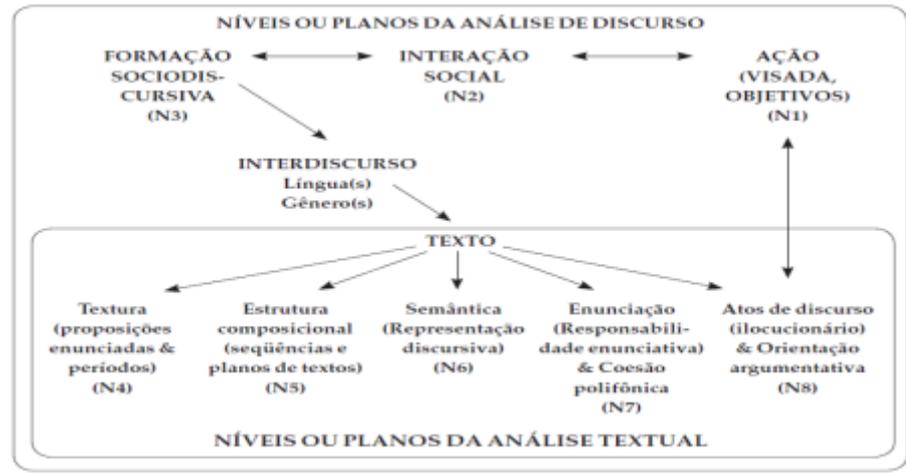


Fig. 01: Esquema de Análise Textual e de Análise de Discurso (ADAM, 2008, p. 61).

Antes de adentrarmos nas categorias propriamente ditas, tomamos por base a concepção de texto de Adam (2009), haja vista que esta noção faz-se importante para o estudo que empreendemos pela perspectiva de análise do texto e do discurso. Baseamo-nos em Adam (1999, p. 39) que confere ao texto “[...] uma forma de inclusão num campo mais vasto das práticas discursivas que devem ser pensadas na diversidade dos gêneros que elas autorizam e na sua historicidade [...]”. Segundo Adam (2009, p. 129), texto “[...] é uma estrutura hierárquica complexa que compreende *n* sequências – elípticas ou completas – do mesmo tipo ou de tipos diferentes.”. A partir dessa concepção, inferimos que o autor refere-se à categoria a qual se constitui proeminente em seu trabalho – as sequências textuais – e que se encontram nas categorias do plano de análise textual percorridas de forma sucinta neste artigo.

Dessa categoria de plano textual, que consiste na estrutura composicional de texto, destacamos (N5), o qual corresponde, no esquema da figura 1, à estrutura composicional (sequências e planos de texto). Dessa categoria, resultam dois processos denominados de planificação e de estruturação. A planificação, como processo descendente, instaura-se a partir do gênero entendido como plano de texto fixo, convencional, normatizado. Segundo Adam (2008, p. 256), o plano de texto pode ser convencional quando é “[...] fixado pelo estado histórico de um gênero ou subgênero de discurso [...]” – os gêneros assumem determinadas marcas linguísticas presentes no “gênero original” no interdiscurso, por exemplo, a carta, e seus subgêneros seriam o e-mail, a

carta ao leitor, carta aberta etc. Ainda segundo o autor, esse plano apresenta-se assim porque está, juntamente com o gênero, disponível no sistema de conhecimento do grupo social e permite construir e reconstruir a organização global de um texto estabelecido por um gênero.



A estruturação, como processo ascendente, instaura-se a partir da proposição e apresenta, em algumas situações, mesclagem das sequências de tipos diferentes, para obter um plano de texto ocasional. Para Adam (2008, p. 261), “[...] todo texto é – tanto na produção como na interpretação – objeto de um trabalho de reconstrução de sua estrutura que, passo a passo, pode levar à elaboração de um plano de texto ocasional.”. Sobre isso, Bonini (2007) afirma que essas sequências, pensadas a partir das ideias de protótipo de Rosch (1978), são entendidas como pontos centrais de categorização dos textos e se apresentam como sequência argumentativa, descritiva, dialogal, explicativa e narrativa – um estudo detalhado dessas sequências encontra-se em Adam (1992; 2008). Acerca da operação de estruturação, esta se baseia na macrossegmentação – alíneas e separações marcadas – e na segmentação textual – partes de um plano de texto, parágrafos ou estrofes, períodos e/ou sequências, frases e/ou versos, proposições enunciadas e palavras-signos. Adam (2008, p. 261) afirma que a (re)construção de partes e segmentos “[...] é uma atividade cognitiva fundamental que permite a compreensão de um texto e mobiliza informações linguísticas de superfície disponíveis [...]”. Essas superfícies disponíveis referem-se aos tipos de ligações das unidades textuais de base e aos períodos e sequências textuais.

A sucessão de proposições com que ocorre a composição do texto é dividida em dois submódulos: textura (proposições enunciadas e períodos) e estrutura composicional (sequências e planos de texto). O submódulo textura corresponde ao processo de coesão, geralmente, explicitado em linguística textual. Trata-se das ligações inter e intrafrásticas que se apresentam por meio de recursos linguísticos (pronomes, artigos etc.), os quais estabelecem as retomadas e rerepresentações importantes para

assegurar a continuidade do texto que, para Adam (2008), é uma parte do que ele denomina de gramática textual.



O autor também toma a proposição-enunciado e o período para análise no nível 4 (N4), que corresponde à textura (proposições enunciadas e períodos), e afirma que a proposição-enunciado é “[...] uma unidade textual de base, efetivamente realizada e produzida por um ato de enunciação, portanto, como um enunciado mínimo.”. (ADAM, 2008, p. 106). Alguns termos como a frase, a proposição, o enunciado e o período dão margem à imprecisão. A frase, por exemplo, é compreendida como de domínio do sistema da língua, cujos limites não são verificáveis e são igualmente imprecisos apresentando denominações tais como: frase simples, frase complexa, frase verbal, frase sem verbo. Entretanto, o autor toma a noção de período em sua análise textual. Segundo Adam (2008, p. 203), os períodos “[...] são unidades que entram diretamente na composição de partes de um plano de texto [...]”.

O submódulo seguinte, estrutura composicional, explicita a organização das macroproposições em agrupamentos característicos denominados protótipos. De acordo com Adam (2008), a sequência é definida como:

95

[...] uma rede relacional hierárquica: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem; uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria, e, portanto, numa relação de dependência com o conjunto mais amplo do qual faz parte (o texto). (ADAM, 2008, p. 204).

Conforme Adam (1992), as sequências, sendo organizações linguístico-formais, realizam-se nos gêneros mediante pressões discursivo-genéricas, logo é uma configuração pragmática. No módulo denominado de configuração pragmática, encontram-se três submódulos que estariam relacionados ao alvo comunicativo e ao balizamento enunciativo e semântico do texto. Esses submódulos dividem-se em: atos de discurso (ilocucionário) e orientação argumentativa (N8); enunciação (responsabilidade enunciativa) e coesão polifônica (N7) e semântica (representação discursiva) (N6). Enfatizamos, porém, um aspecto do plano de análise textual denominado colocação lexical, aspecto inserido na categoria semântica – representação discursiva (N6), que caracteriza as operações de ligação, especificamente, ligações do significado. A esse respeito, Adam (2008) afirma que

[...] o conceito de colocação remete a dois tipos de relações entre signos: as colocações em língua

(associações codificadas de lexemas, repertoriadas nos dicionários) e as colocações próprias de um texto (estabelecidas pelas repetições de sequências de lexemas associados a um texto dado). (ADAM, 2008, p. 156).



Centramo-nos, no entanto, no segundo tipo de relação – colocações próprias de um texto – para a análise de versos da canção "Cálice". Essas colocações lexicais assumem um papel importante na construção semântica do texto e podem ser tão fortes que se estabelecem em forma de memória; tornam-se, assim, suportes de conexões intertextuais. Adam (2008, p. 160) afirma que a "[...] cristalização de colocações lexicais que circulam no interdiscurso de certo estado de uma formação social é bastante produtiva [...]". Essa afirmação se deve às formas de emparelhamento que, no âmbito de um mesmo texto, juntam-se ao dialogismo intertextual. As colocações liberam-se da estrutura sequencial do discurso a fim de acrescentar uma organização reticular.

Além das categorias elencadas anteriormente, a análise de Adam (2008) estende-se às situações de interação nos lugares sociais, nas línguas e nos gêneros sendo denominada pelo autor de plano de análise do discurso. Identificamos, no entanto, que esse tipo de análise não é determinado por categorias conforme o plano de análise textual, mas sim por concepções trazidas da Análise do Discurso (doravante AD) delineada por Maingueneau, que apresentamos a seguir. Já a Semântica, ao tratar da colocação lexical, pode indicar relações interdiscursivas, permitindo a interface entre análise linguística e a análise do discurso.

96

O INTERDISCURSO

Maingueneau (2008) propõe uma hipótese central de orientação discursiva: a primazia do interdiscurso, que pode apresentar-se sob duas interpretações, uma fraca, outra forte. A fraca remete ao estudo da especificidade de um discurso que se supõe analisado em sua relação com outros. De acordo com Costa (2005), a hipótese de interpretação fraca apresenta-se na segunda fase da AD, denominada de primado da relação, cuja "[...] a noção de interdiscurso é introduzida para designar um 'exterior específico' de Formação Discursiva.". (COSTA,



2005, p. 24). Nessa fase, apresenta-se a relação entre formações discursivas ou entre uma formação discursiva e o interdiscurso; entre uma formação discursiva e o "pré-construído" ou "memória discursiva".

A segunda hipótese, denominada de forte, postula a impossibilidade de a identidade discursiva se constituir sem o Outro – esse Outro não é remetido ao Outro da teoria lacaniana, mas ao Outro do espaço discursivo. Segundo Costa (2005, p. 36), isso "[...] implica que não se deve pensar os discursos se constituindo independentemente para depois relacioná-los, mas que é a relação interdiscursiva que estrutura a identidade de um discurso [...]". A esse respeito, a hipótese do primado do interdiscurso inscreve-se na perspectiva da heterogeneidade constitutiva que amarra o Mesmo, do discurso, e seu Outro. Essa heterogeneidade não é marcada em superfície, na AD, é definida por hipóteses através do interdiscursivo. O interdiscurso é concebido para Maingueneau (1997) como:

97

[...] processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a degeneração de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1997, p. 113).

Para Maingueneau (2008), a unidade de análise não é o discurso, mas um espaço de trocas entre diversos discursos. Quanto às implicações do interdiscurso, sistematicamente cada discurso introduz o Outro na forma de um simulacro que traduz os enunciados dos outros discursos em suas próprias categorias. Adverte o autor que o termo interdiscurso é muito vago e, para torná-lo mais preciso, ele complementa o princípio com outros termos que formam uma tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo – que se constituem em categorias de análise do interdiscurso.

A primeira, denominada de universo discursivo, é formada pelo conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Ele representa um conjunto finito – de pouca utilidade para o analista – que define apenas uma extensão máxima a partir do qual serão construídos domínios suscetíveis de serem

estudados nos 'campos discursivos'. Essa categoria substitui o que anteriormente era denominado de "arquivo", termo que se encontra em Foucault (2008) e Pêcheux (1995).



Os campos discursivos são o conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, em sentido amplo, e se delimitam por uma posição enunciativa em dada região. De acordo com a análise da canção "Cálice", que se encontra mais adiante, podemos antecipar aqui que o campo discursivo é o religioso e o político – subversivo e militar. Segundo Maingueneau (2008), o termo deve ser compreendido como confronto aberto, aliança, neutralidade aparente etc. entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. O autor destaca que se pode tratar do campo político, filosófico, dramático, gramatical etc. O recorte desses campos deve decorrer de hipóteses explícitas que devem permitir abrir múltiplas redes de trocas, porque é no interior desses campos que se constitui o discurso.

O espaço discursivo, enfim, delimita o subconjunto do campo discursivo que liga ao menos duas formações discursivas supondo que mantêm relações privilegiadas. De acordo com Maingueneau (2008, p. 35), "[...] tais restrições são resultado direto de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir.". O objeto de análise para o autor constitui-se na polêmica entre dois campos discursivos que exemplificam a noção de espaço discursivo.

O interdiscurso, ao adentrar na heterogeneidade mostrada, apresenta fenômenos tais como a imitação que ocupa um lugar importante por representar manifestações mais visíveis. Esse fenômeno de imitação de um gênero de discurso assume valores opostos denominados de captação e de subversão. Conforme Maingueneau (1997, p. 102), "[...] quando há captação, a imitação incide sobre a estrutura explorada e, [...] quando há subversão, a desqualificação desta estrutura ocorre no próprio movimento de sua imitação.". A imitação também pode incidir sobre um gênero com quatro

casos: captação de um gênero, captação de um texto singular



e de seu gênero, subversão de um gênero, subversão de um texto singular e de seu gênero.

Dessa forma, reconhecer o primado do interdiscurso é construir um sistema em que a definição da rede semântica coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro. Além disso, analisar um dos fenômenos de heterogeneidade mostrada no interdiscurso como a imitação por captação e subversão, permite-nos compreender como essa categoria intertextual se apresenta no gênero canção.

O GÊNERO DE DISCURSO NA AD

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008), a noção de gênero do ponto de vista comunicacional diferencia-se em duas grandes categorias de base: produções "naturais", espontâneas, pertencentes aos gêneros primários (aqueles da vida cotidiana), e produções "construídas", institucionalizadas, pertencentes aos "gêneros secundários" (aquelas produções elaboradas, literárias, literomusicais, científicas etc.) que derivariam dos primários. Em se tratando dos gêneros do discurso, foram propostos, por Maingueneau (2008), certos parâmetros, conforme podemos ver a seguir:

- Uma finalidade – todo gênero do discurso visa a provocar certo tipo de modificação da situação de que é parte. Esta finalidade é indispensável para a adequação do comportamento do destinatário.
- Estatutos para os parceiros – a fala em um gênero do discurso não parte de qualquer um nem é dirigida a qualquer um, mas de um indivíduo detentor de um dado estatuto em relação ao outro.
- Circunstâncias adequadas – todo gênero do discurso implica certo tipo de lugar e de momentos apropriados ao seu êxito. Não se trata de coerções "externas", mas de algo constitutivo.
- Um modo de inscrição na temporalidade – algo que pode ocorrer em diversos eixos como: a periodicidade (curso, missa etc.), a duração (a competência genérica dos locutores de uma comunidade indica de modo aproximado à duração de um dado gênero do discurso).



- A continuidade e o tempo de validade – Ex. a piada e a revista semanal.
- Um suporte – uma modificação do suporte material modifica radicalmente um gênero do discurso. Ex. rádio, telefone, jornal etc.
- Um plano textual – um gênero do discurso se associa a certa organização, domínio privilegiado da linguística textual. Dominar um gênero do discurso significa ter consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes nos diferentes níveis.
- Certo uso da língua – todo locutor se acha *a priori* diante de um repertório bem amplo de variedades linguísticas e a cada gênero do discurso são associadas opções de variedades que fazem as vezes de norma.

Mainueneau (2009) afirma que a avaliação do estatuto dos gêneros no discurso literário requer uma distinção entre dois regimes de genericidade, que obedecem a lógicas distintas, ainda que existam práticas verbais situadas na fronteira entre eles. Assim, compreendemos a importância em investigar a aproximação entre a Análise Textual e a Análise de Discurso conforme defende Adam (2008) em sua teoria. Essa discussão acerca do gênero não se encerra aqui, porque nos instiga a um aprofundamento sobre o assunto.

100

AS MARCAS LINGUÍSTICAS E INTERTEXTUAIS NA CANÇÃO "CÁLICE"

A LT e a ADⁱ são disciplinas que surgiram na década de 60, marco que as aproxima. A proximidade de ambas deve-se, também, ao estudo da teoria de Adam (2008) que toma por base alguns princípios de Mainueneau. Por meio de dois planos de análise – texto e discurso –, Adam (2008) tenta provar a complementaridade entre a LT e a AD, tornando a primeira o centro da análise de sua teoria e inserindo-a num plano mais amplo de análise do discurso.

Para nossa análise, tomamos por base uma categoria da teoria da ATD denominada de semântica (N6) – representação discursiva –, que trata de isotopias e colocações inseridas nas



ligações do significado. Ainda, escolhemos nessa categoria a subcategoria "colocações", pois a consideramos mais produtiva para a análise. Identificamos nessa subcategoria uma aproximação entre marcas lexicais e o interdiscurso, aspecto caro ao nosso propósito analítico. Essas colocações lexicais conferem ao texto a possibilidade de demonstrar marcas cristalizadas que circulam no interdiscurso de certo estado de formação discursiva.

As categorias escolhidas da AD referem-se ao interdiscurso – universo discursivo, campos discursivos e espaço discursivo. A partir dessa categoria analisamos a heterogeneidade mostrada através da subcategoria imitação por captação ou subversão. Também tomamos para a análise a categoria dos parâmetros do gênero de discurso: finalidade, estatutos para os parceiros, circunstâncias adequadas, modo de inscrição na temporalidade, continuidade e tempo de validade, plano de textual e uso da língua, que serão aprofundadas no decorrer da análise.

A partir dessas categorias, traçamos nossa análise numa pesquisa de caráter descritivo com base em uma canção (Cálice) de narrativa bíblica. Este artigo pretende também demonstrar a aproximação entre a LT e a AD, para isso analisamos alguns versos dessa canção que se valem do discurso religioso para denunciar o político, mais precisamente o militar. Este discurso está presente em vários versos da canção, como demonstramos no decorrer da análise.

A letra de "Cálice" foi composta e originalmente interpretada por Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil, em 1973, mas somente cinco anos depois pôde ser gravado no álbum "Chico Buarque", ou seja, em 1978. Ela expõe, nas entrelinhas, a realidade da ditadura militar e assume um caráter forte de denúncia da forma desumana com que eram tratados os reacionários impingidos pelo poder autoritário e arbitrário na época da ditadura, como podemos ver, a seguir, na íntegra da canção:

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta



Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta
Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa
De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade
Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

(Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil, 1973).

Para uma melhor compreensão do conteúdo da canção, transcrevemos o texto bíblico de Lucas (22, 39-46), que é considerado o mais completo dentre três evangelistas.

No monte das Oliveiras – Ele saiu e, como de costume, dirigiu-se ao monte das Oliveiras. Os discípulos o acompanharam. Chegando ao lugar, disse-lhes: "Orai para não entrardes em tentação". E afastou-se deles mais ou menos a um tiro de pedra e, dobrando os joelhos, orava: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a



minha vontade, mas a tua seja feita!" Apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava. E, cheio de angústia, orava com mais insistência ainda, e o suor se lhe tornou semelhante a espessas gotas de sangue que caíam por terra. Erguendo-se após a oração, veio para junto dos discípulos e encontrou-os adormecidos de tristeza. E disse-lhes: "Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação!".

Como vemos, o verso do refrão "Pai, afasta de mim esse cálice" faz menção explícita à passagem bíblica encontrada em três Evangelhos – Lucas, Mateus e Marcosⁱⁱ – e sintetiza uma súplica de Jesus a Deus ("Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!") para que retire de suas mãos a responsabilidade de realizar o sacrifício da paixão, simbolizado pelo cálice.

A colocação lexical – que tomamos para análise – é demonstrada por meio desse verso ("Pai, afasta de mim esse cálice"), remetendo ao discurso religioso num primeiro momento. Conforme Adam (2008, p. 156), "[...] as colocações lexicais são um lugar particularmente importante de construção da coesão semântica do texto como discurso.". Nesses versos as escolhas lexicais cálice e vinho nos autorizam a relacioná-los ao discurso religioso, o qual se repete até hoje nas celebrações das missas. O padre abençoa o vinho (tinto) colocando-o em um cálice. Em outro momento, compreendemos que o sentido do mesmo verso, recairá sobre o discurso político para construir os sentidos do texto. "Cálice" assume a forma "cale-se", que representa a fala da repressão militar.

Esses dois discursos se encontram em concorrência, ou seja, em confronto no campo discursivo. Para demonstrar isso, verificamos que, na passagem bíblica, Jesus encontra-se em profunda oração chegando até a suar sangue, mas aceita o sacrifício da crucifixão – menção à palavra "cálice". Na canção, a colocação lexical dá conotação de repúdio, por destacar somente este momento do trecho bíblico de súplica remetendo assim ao discurso contrário da canção em não desejar o regime militar e, em consequência, os atos de desumanidade realizados por tal regime.

A esse respeito, inferimos um terceiro discurso que denominamos de reacionário. Esse discurso se faz presente na audição da letra da canção, da qual a palavra "cálice" – título da canção –, forma as palavras "cale-se", com verbo no modo imperativo. A forma lexical do verbo é inferível na audição da canção e na intenção comunicativa

que depreendemos do discurso dos autores que se revela pelo trocadilho: "cálice" e "cale-se", em que ambas as lexias remetem a situações ruins, dolorosas, opressoras. Segundo Maingueneau (2008):



A formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso. Se, no universo do gramaticalmente dizível, um discurso define uma ilha de enunciados possíveis considerados capazes de saturar a enunciação a partir de uma posição dada, no conjunto de enunciados assim recusados, ele define igualmente um território como sendo o de seu Outro, daquilo que, mais que qualquer outra coisa, não pode ser dito. (MAINGUENEAU, 2008, p. 37).

Conforme o autor, compreendemos que o não dito estaria no discurso reacionário presente na colocação lexical que alude ao verbo "calar" no modo imperativo – que corrobora o sentido da lexia "cálice" nesse contexto da canção. Ao final do refrão, identificamos o verso "De vinho tinto de sangue" remetendo ao cálice – discurso religioso, que simboliza as atrocidades que seriam cometidas contra Jesus em seu calvário. Além disso, o vinho é o símbolo do discurso religioso cristão e se refere ao conteúdo do cálice, portanto sangue do cordeiro imolado. Apesar de não ser citada essa expressão (cordeiro imolado) no texto da canção, ela remete ao animal que era uma das oferendas usadas em sacrifício no Antigo Testamento. Esse animal é o símbolo de mansidão que confere a ele uma conotação de aceitar o destino sem se rebelar, não deve, porém, ser confundida essa característica com submissão.

A mesma colocação lexical – vinho tinto de sangue – remete na canção ao discurso político ao se referir às pessoas torturadas no regime militar e conferem a elas o caráter de "cordeiros" que morreram pela luta contra o regime político vigente na época, ou seja, foram sacrificados. Da mesma forma como o cordeiro, que é símbolo de mansidão sem submissão, também os militantes assim são representados: de forma "mansa", mas persistente, pois combatiam o autoritarismo e toda forma de opressão.

No verso "Como beber dessa bebida amarga", presente na canção, o discurso religioso cristão se faz presente nas colocações lexicais "dessa bebida amarga", que remete a uma passagem bíblica em que Jesus – no momento da crucificação – pede água, e um soldado



Ihe oferece uma esponja embebida em vinagre, bebida que é rejeitada por ele. O vinagre era um tipo de vinho mais barato que os soldados consumiam razão pela qual havia a bebida no local da crucifixão. Nas passagens bíblicas de Mateus 27, 34; de Marcos 15, 23, e de João 19, 28-30, a bebida era denominada

como uma mistura de vinho com fel ou mirra, de acordo com a passagem bíblica, e tinha poder entorpecente. Entretanto, esse gesto foi considerado de extrema crueldade, porque prolongaria mais a agonia do crucificado na cruz. A mesma colocação lexical não se contrapõe: remete também a ela, no nosso entender a "vinho tinto", que remete à dificuldade em aceitar um quadro social em que as pessoas eram desumanamente subjugadas, referindo-se ao discurso político, principalmente o militar.

Da concorrência entre as formações discursivas, emerge a denúncia do regime, remetendo ao discurso reacionário novamente. Ainda na mesma estrofe, identificamos os versos "Mesmo calada a boca, resta o peito", com forte menção às palavras "cálice" e "cale-se". Já nos versos "De que me vale ser filho da santa/ Melhor seria ser filho da outra", a colocação lexical "santa" marca a presença do discurso religioso. Num sentido pejorativo, em oposição à palavra "outra", subentende-se como uma expressão de calão "filho da puta", referindo-se a filho de meretriz.

Acerca do verso "Como é difícil, pai, abrir a porta", a colocação lexical "abrir a porta" é uma referência bíblica que faz menção ao próprio Cristo ao dizer em João "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem."ⁱⁱⁱ Nesse verso, o discurso religioso polemiza com o discurso político, porque se faz um apelo ao divino e, simultaneamente, reconhece-se a dificuldade em encontrar uma solução para o fim da violência presente no contexto da época.

Nessa mesma estrofe, identificamos no verso "De que adianta ter boa vontade" uma colocação lexical, "boa vontade", referindo-se, em Lucas, ao trecho: "Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade."^{iv} Novamente o discurso religioso entra em conflito com o discurso político, porque a menção é distorcida, e ter boa vontade transparece uma desesperança quanto ao aspecto de

mudança da situação em que se encontra o enunciador da canção.

No verso “Quero inventar o meu próprio pecado”, a colocação lexical é marcada pela palavra “pecado”. A referência bíblica exprime que essa expressão apresenta conotação de “erro”, mas significa no contexto da canção “estar fora da lei”. O verbo “inventar” reforça a ideia do terceiro discurso presente na canção – discurso reacionário – do desejo pungente de liberdade.

No decorrer da análise, percebemos que se apresenta o fenômeno da heterogeneidade mostrada imitação por captação. Esse fenômeno incide sobre a estrutura explorada no caso da narrativa bíblica, em especial, sobre o versículo “Pai, se queres, afasta de mim este cálice!” e pela atitude intertextual que marca a sua filiação ao estilo. O texto-canção apropria-se desse versículo para criar o seu estilo. É uma imitação por captação de um texto singular, mas não de seu gênero.

Outro aspecto analisado na canção é o gênero, que se encontra no plano da análise de discurso. Adam (1992; 2008) toma por base para essa análise os parâmetros delineados por Maingueneau (2009). Acerca desses parâmetros, destacamos alguns para nossa análise dentre os quais a finalidade que visa a provocar certo tipo de modificação da situação de que é parte. Referindo-se à canção “Cálice”, verificamos que ela apresenta um caráter de denúncia ainda que nem toda canção consista, necessariamente, em uma denúncia. Essa canção é adequada para o contexto da época em que não era possível escrever textos de gêneros específicos de denúncia como, por exemplo: uma reportagem depreciativa ou um manifesto.

Quanto ao parâmetro estatuto dos parceiros, Maingueneau (2009, p. 235) diz que “[...] a fala num gênero do discurso não parte de qualquer um nem é dirigida a qualquer um, mas de um indivíduo detentor de um dado estatuto a outro.” Constatamos que os compositores assumem esse estatuto, porque fazem parte daqueles que não concordavam com a ditadura militar e, por essa razão, legitimam a fala de quem constrói o texto-denúncia.

Acerca das circunstâncias adequadas com referência ao lugar e ao momento, o texto-canção foi composto para ser





apresentado no Palácio das Convenções no Anhembi, em São Paulo, em um show denominado Phono 73, que seria cantado na voz de Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil. Na ocasião, ao iniciarem a canção, os microfones foram desligados, porque a censura considerou a canção subversiva. O gênero do discurso

em questão está adequado tanto no que se refere ao lugar como no que tange ao momento, porém, ao assumir o caráter de denúncia, implicou inadequação para o contexto da época da ditadura, que não permitia tais manifestações, porque eram consideradas subversivas.

A validade e o suporte são dois aspectos dos parâmetros que nos auxiliaram na análise. Com referência ao primeiro, a canção que poderia ter sua validade somente para o contexto da época, atravessou gerações pela sua forte denúncia, transformando-se em uma bandeira de luta contra a Ditadura Militar. Acerca do segundo, o suporte, a forma de transmissão da canção se apresenta através de ondas sonoras amplificadas para serem ouvidas, ou através de imagens na internet, com fundo musical, que denunciam a desumanidade na época da ditadura.

O arcabouço teórico explorado e as análises realizadas permitem-nos demonstrar que há entrecruzamento para a construção do interdiscurso. A intertextualidade presente na canção é um dos recursos textuais pelos quais é possível estabelecer a ligação entre ambas às perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da canção Cálice que empreendemos nos possibilitou atingir o objetivo de analisar as marcas linguísticas e intertextuais presentes no texto-canção. Identificamos as colocações lexicais presentes no texto, através do discurso religioso, que marcam essa canção. Compreendemos que a aproximação entre a LT e a AD, na análise de Adam, deve-se à representação discursiva por colocação que permite evidenciar marcas lexicais do interdiscurso.

Essas colocações lexicais conferem ao texto a possibilidade de demonstrar marcas cristalizadas que circulam no interdiscurso de certo estado de formação discursiva. Constatamos que a presença dessas colocações lexicais



evidencia a polêmica entre o discurso religioso e outros, como o político. Os compositores valem-se desse discurso para denunciar o político, mais precisamente o militar. Além disso, observamos a presença de um terceiro discurso – o reacionário – que está presente na memória discursiva, ressaltando o interdiscurso. A heterogeneidade mostrada apresenta-se através do fenômeno da imitação por captação, conferindo à análise mais uma marca linguística do discurso religioso.

Acerca do gênero do discurso, os parâmetros de Maingueneau são um indicativo de que o texto é uma prática discursiva que auxilia na construção do sentido, desempenhando funções dentro do contexto em que está inserido. Por fim, fica evidente que a intertextualidade é um recurso discursivo (ou interdiscursivo) de que se valem os autores para construir, no texto, a polêmica entre os discursos: religioso, político, militar e reacionário.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. *Le textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- ADAM, J.-M. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999.
- ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- ADAM, J.-M. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 115-132.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2008.
- BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 208-236.
- COSTA, N. B. da. O primado da prática: uma quarta época para a Análise do Discurso. In: COSTA, N. B. da (Org.). *Práticas discursivas: exercícios analíticos*. Campinas, SP: Pontes, 2005. p.17-48.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.



MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. O primado do interdiscurso. In: MAINGUENEAU, D. *Gênese do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008. p. 31-45.

MAINGUENEAU, D. O quadro genérico. In: MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009. p. 229-246.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

ROSCH, E. & LLOYD, B. B. (eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, New Jersey : Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

Recebido em 07 de novembro de 2020.

Aprovado em 09 de dezembro de 2020.

"CÁLICE": AN ANALYSIS OF LINGUISTIC AND INTERTEXTUAL MARKS

Abstract: This research aims to investigate some linguistics and intertextual marks present in the song "Cálice", for the study of the discourse analysis plan, as proposed by Adam(2008). For that, it take the linguistic category – lexical collocation – proposed by Adam(2008) and, for interdiscursivity, it follow those of Maingueneau (1997; 2008) - discursive universe, discursive fields and discursive space - which complement the referred plan of the analysis of speech in Adam (2008). It initially made a parallel between the theorists' points of view, contrasting the position according to the Textual Discourse Linguistics, according to Adam and the Discourse Analysis outlined by Maingueneau. Then, we analyze in which aspects these areas of study come together and complement each other in order to better understand the mentioned plan. In the analysis, it focused on the linguistic marks of lexical placement and on the intertextual strategies found in the lyrics of the song, demonstrating the way in which these marks influence the construction of the textual fabric. It found that these marks not only collaborate, but are also important for

the construction of the meanings intended by the composers, chiefly due to the presence of intertextuality that permeates the two planes - textual and discursive. Hence, we conclude that this genre of song presents both religious and political-reactionary discourses, and both of them were used to compose the intended textual fabric.



Keywords: Linguistic marks. Intertextual. Interdiscursivity. Genre. Song.

ⁱ A Análise do Discurso, que teve seu marco na década de 60, apresenta, inicialmente, o conceito de interdiscurso cunhado por Pêcheux (1995) que afirma ser um "todo complexo com dominante" das formações discursivas. É através do funcionamento da Ideologia, interpelando indivíduos em sujeitos, que se realiza. Esclarecemos que, neste artigo, referimo-nos aos trabalhos de Maingueneau (2008) através do Primado do Interdiscurso em que discorre sobre o sentido vago do conceito e constrói uma tríade – universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo, dando ao termo uma noção mais operacional e produtiva, razão essa que tomamos por base.

ⁱⁱ Lucas 22, 39-46; Mateus 26, 36-46; Marcos 14, 32-42.

ⁱⁱⁱ João 10, 09.

^{iv} Lucas 2, 14.